

# A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE RECONSTRUÇÃO DO SUJEITO EM *PRECIOSA – UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA*

Juliana Canton Henriques  
Mestranda em Letras – UNISC  
julicanton1@yahoo.com.br

## RESUMO

Somos seres de palavras. Compreendemos o mundo e a realidade através da palavra. Nomeamos o desconhecido, narramos experiências. Nosso pensamento evolui à medida que a linguagem passa a fazer parte de nós. Assim, nos tornamos humanos, conscientes de uma subjetividade, de uma história. As reflexões deste artigo dão suporte à ideia da função educativa e formadora da linguagem, mais especificamente da narrativa, para o ser humano. Uma das hipóteses levantadas é o efeito terapêutico da narrativa no sentido de reconstruir experiências e atenuar traumas, dado que, quando narramos experiências, nos transformamos e compreendemos nossa realidade. Após a explanação teórica, em que destacamos estudos de Vigotski (1996, 2004), Bruner (2002) e Motta (2013) entre outros autores, será analisada a história da personagem Preciosa, no filme “Preciosa – Uma História de Esperança” (2009), de Lee Daniels, como exemplo de superação e de constituição da subjetividade a partir da narração de experiências.

**PALAVRAS-CHAVE:** Narrativa, Cinema, Constituição da subjetividade.

## ABSTRACT

We are made of language. We understand the world and reality through language. We name the unknown, we narrate experiences. Our thoughts evolve as language composes us. At that point, we become human beings, conscious of subjectivity, of a story. The reflections presented in this essay support the idea of language with an educative and formative function, especially through narrative. One of the hypotheses is the therapeutic effect of the narrative as a way to rebuild experiences and to attenuate traumas, considering that, when we narrate experiences, we change and understand our reality. After the theoretical explanation, in which we emphasize studies of Vigotski (1996, 2004), Bruner (2002) and Motta (2013) among other authors, we analyze the story of the character Precious, from the movie “Precious” (2009), by Lee Daniels, as an example of overcoming difficulties and of formation of subjectivity through narration of experiences.

**KEYWORDS:** Narrative, Cinema, Constitution of subjectivity.

## 1. A RELAÇÃO DA LINGUAGEM COM O PENSAMENTO NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO

A fim de entendermos a relação entre pensamento e linguagem, reportamo-nos a Vigotski (1996), para quem o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata. O autor pontua que o desenvolvimento do pensamento é determinado pela linguagem, isto é, pelos instrumentos linguísticos do pensamento e pela experiência sociocultural da criança. Em outras palavras, nosso crescimento intelectual depende do domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem.

De acordo com o autor, uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavra permanece uma sombra. As palavras desempenham um papel central na evolução da consciência como um todo, elas nos tornam capazes de refletir sobre a realidade.

Bruner (2002) faz referência a Vigotski ao lembrar-se de sua profunda convicção de que a linguagem e suas formas de uso – da narrativa e conto à álgebra e ao cálculo proposicional – refletem nossa história. Acrescenta que a linguagem não apenas transmite, ela cria ou constitui conhecimento ou “realidade”. Parte dessa realidade é a atitude que a linguagem implica em relação ao conhecimento e à reflexão, e o conjunto generalizado de atitudes que se negociam cria, com o tempo, um sentido de *self*. Como estaria o ser humano hoje se não tivesse criado a linguagem e a narrativa como forma de explicar as coisas do mundo? Através da linguagem, somos capazes de criar e recriar a realidade. Bruner (op. cit.) amplia a relação entre as palavras e a realidade quando afirma que criamos realidades advertindo, encorajando,

dando títulos, denominando, e pela maneira como as palavras nos convidam a criar “realidades” no mundo para corresponder a elas. Desse modo, a constitutividade da linguagem cria e transmite a cultura, situando nosso lugar nela.

Se é verdade que criamos a realidade a partir do uso da língua, há que se enfatizar ainda mais o poder da palavra na constituição do ser humano. Conforme Bruner (op.cit.), a maior parte de nossos encontros com o mundo não são encontros diretos, o mundo que emerge para nós é um mundo conceitual. As “realidades” da sociedade e da vida social são elas mesmas mais frequentemente produtos do uso linguístico representado em atos de fala. Uma vez que se assume a visão de que a cultura em si compreende um texto ambíguo que precisa ser constantemente interpretado por aqueles que participam dela, então o papel constitutivo da linguagem na criação da realidade social se torna um tópico de preocupação prática.

O autor reforça a importância da linguagem ao sustentar que a realidade não é a coisa, não está na cabeça, mas no ato de discutir e negociar sobre o significado dos conceitos. Conclui que as realidades sociais não são tijolos nos quais tropeçamos ou nos contundimos quando os chutamos, mas os significados que conquistamos ao (através da linguagem) partilharmos cognições humanas.

O uso da linguagem também é um caminho para que possamos provocar mudanças, superar dificuldades, assim como problematiza Motta (2013, p.70): “a linguagem é o instrumento privilegiado através do qual o homem se nega a aceitar o mundo tal qual é, lançando-se na incrível aventura contra a barbárie, contra a selvagem e caótica realidade, contra as indeterminações”. A nossa capacidade de expressão e de comunicação é, então, o que nos mantém vivos, o que dá sentido à

existência humana. Se não pudéssemos narrar nossas experiências e o mundo que nos cerca, tudo permaneceria obscuro, tal como descreve Vigostki. O pensamento seria pura sombra.

Enquanto seres humanos, dependemos da linguagem acima de tudo para tomarmos consciência de quem somos. Motta (op. cit.) ressalta que toda a atividade mental é palavra ou busca pela palavra. A experiência é sempre pensada e sentida linguisticamente. Pensar, compreender, comunicar passou a ser quase sinônimo de abstrair e categorizar linguisticamente, transubstanciar em palavras e em enunciados as percepções provenientes da realidade externa pelos sujeitos, e as sensações e emoções provindas da realidade interna e experimentadas pelos sujeitos.

Essa relação estreita entre subjetividade e linguagem acarreta a necessidade que temos de falar sobre a vida, sobre nossas inquietações. Criamos histórias para explicar o desconhecido, narramos histórias reais ou fictícias, orais ou escritas. Quando narramos, organizamos representações mentais do mundo e compreendemos que somos parte dele.

## 2. DE QUE FORMA A NARRATIVA NOS CONSTITUI?

A atividade de narrar acompanha o ser humano desde a Pré-História, ainda antes de a escrita ter sido inventada. Nas paredes das cavernas, o homem pré-histórico representava suas peripécias, seus medos, seus valores. Atualmente, em blogs e redes sociais, escrevemos sobre nossa vida e nossas experiências, com a intenção de divulgá-las aos demais usuários. O diário pessoal é um gênero textual mais

antigo, mas que contempla função semelhante: escrever como forma de terapia. Escrever nas páginas de um diário provocaria uma reflexão sobre as situações da vida, forçando-nos a nos reinventar e a amadurecer. Narrar experiências pessoais seria um meio de suspender a realidade e voltar-se para si, direcionando a atenção da realidade externa para o mundo que temos dentro de nós. Quais os possíveis efeitos que essa mudança de ponto de vista pode causar no ser humano?

Vimos que nos tornamos seres humanos quando linguagem e realidade andam juntas. O antropólogo Lluís Duch (2002) explica que a (re)construção da realidade por parte do homem é um *affair* linguístico, porque toda a criação consiste fundamentalmente em nomear, distinguir. O autor acredita que o homem só pode conhecer, conjecturar, assombrar-se, duvidar ou questionar a realidade mediante a linguagem.

De fato, as narrativas são construções de sentido sobre a realidade. Bruner (op. cit.) cita um trecho de um poema do escritor russo Czeslaw Milosz intitulado “Ars Poética”, em que ele compara a poesia com algo que não sabíamos que tínhamos em nós, mas que, em um piscar de olhos, é como se um tigre tivesse saltado para fora e permanecido na luz, balançando a cauda. Reflete, assim, sobre o poder terapêutico da linguagem, capaz de revelar um poder de que não tínhamos consciência antes da palavra. Vigotski (2004) concorda com o poeta quando postula que as pessoas escrevem por uma necessidade mais profunda do seu psiquismo em termos de sublimação de algumas espécies inferiores de energia. O processo criador, como é o da escrita, é entendido por Vigotski como sublimação, ou seja, como transformação de

modalidades inferiores de energia psíquica que não foram utilizadas nem encontraram vazão na atividade normal do organismo.

Gai (2009) corrobora o potencial educativo da narrativa ao afirmar que a “verdade” da narrativa ficcional e o conhecimento a ela inerente podem mobilizar os indivíduos leitores em sua própria vida, em suas convicções e em seu conhecimento de si, em sua subjetividade. Quem é incapaz de narrar suas experiências deixa de conhecer a si mesmo com profundidade. Como exemplo, Benjamin (1994) coloca o caso de combatentes que, ao final da guerra, voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. O trauma fez com que se calassem. Benjamin (2002) também menciona a narração que um doente faz ao médico, no início do tratamento. Apenas o fato de o paciente contar a alguém o que lhe faz mal já é o início do processo de cura. Assim, Benjamin (2002) se pergunta, já parecendo adiantar uma possível resposta afirmativa, se não seria a narração que estaria criando o clima apropriado e a condição favorável de cura.

Em uma tentativa de recriar a realidade e elaborar possíveis traumas, a narrativa conquista um lugar estratégico recorrido pelas civilizações para organizarem semanticamente o desafiante universo em que vivem e as questões sem resposta geradas por ele (PICCININ, 2012). A busca por respostas ao vazio existencial é constante no ser humano. Nesse sentido, Resende (2011) entende que a narrativa, ao se apresentar como um espaço de reflexão e criação, fornece um rico material de análise e conhecimento para o que diz respeito ao desenvolvimento de questões.

Há sempre uma intenção por trás de uma narração. Motta (op. cit.) argumenta que quem narra evoca eventos conhecidos, seja porque os inventa, seja porque os

tenha vivido ou presenciado diretamente (atitude de alteridade). Revela, assim, uma tendência para a exteriorização temporal, para uma atitude de distanciamento autônomo. Mas sempre de forma verossímil, como se os houvesse presenciado. O autor prossegue esclarecendo que narrar é uma técnica de enunciação dramática da realidade, de modo a envolver o ouvinte na estória narrada. Narrar não é, portanto, apenas contar ingenuamente uma história, é uma atitude argumentativa, um dispositivo de linguagem persuasivo, sedutor e envolvente. Narrar é uma atitude, já que quem narra quer produzir certos efeitos de sentido através da narração.

### **3. CONFIGURAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DE SI: ANÁLISE DO FILME *PRECIOSA, UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA***

O filme “Preciosa – uma história de esperança”, de Lee Daniels, é baseado no livro *Push*, escrito pela escritora americana Sapphire em 1996 e que narra uma história real. Embora tenha um enredo dramático, desde seu lançamento, em 2009, o filme conquistou o público e foi premiado com dois Oscars – melhor atriz coadjuvante e melhor roteiro adaptado. A protagonista, a atriz Gabourey Sidibe, é estreante no cinema e recebeu várias indicações ao prêmio de melhor atriz.

Claireece “Preciosa” Jones é uma adolescente de dezesseis anos que vive no Harlem, um bairro de Nova Iorque, no ano de 1987. Preciosa é a típica imagem do marginalizado: pobre, obesa, vítima de bullying, analfabeta. Abusada pelo pai e violentada pela mãe desde criança, Preciosa é expulsa da escola de ensino regular por estar grávida pela segunda vez, passando a frequentar uma escola alternativa. Nessa escola, com a ajuda da Professora Rain, consegue se alfabetizar e aprende a escrever

um diário pessoal sobre seus sentimentos e sobre sua vida. À medida que fala sobre si, sobre suas experiências, adquire mais autonomia para assumir sua individualidade. Enfrenta a realidade difícil que é ser mãe adolescente de dois filhos, um deles portador de Síndrome de Down, e ainda passa a ter que lidar com os sintomas do vírus da AIDS. A vida de Preciosa não é fácil, mas seus progressos são visíveis no sentido de tornar-se mais consciente de sua realidade e de agir para libertar-se daquele ambiente opressor.

### **3.1 Estratégias de análise da transformação da personagem Preciosa**

A fim de que observemos o desenvolvimento da subjetividade da protagonista ao longo do filme, destacamos três momentos diferentes da história de Preciosa. Os dois primeiros referem-se à descrição de sua vida na escola regular e em casa, ambos ambientes opressores em que a adolescente era discriminada. O terceiro momento trata da mudança da personagem quando, através da narrativa de experiências pessoais de forma oral e escrita, passa a tomar atitudes em busca de sua felicidade.

#### **3.1.1 OPRESSÃO E VIOLÊNCIA NA ESCOLA REGULAR**

Preciosa claramente não é feliz na escola. Acredita que pode mudar sua vida, que pode ser uma adolescente popular, sentando na primeira fila da sala e prestando atenção no professor. No entanto, é apática, fala pouco, senta no fundo da sala de aula. Parece não ter amigos e sofre bullying. Admite que nem mesmo tenta abrir seus livros para estudar nas aulas, mas idealiza a ideia de que seu professor de matemática seja seu marido e a ame.

A escola, por sua vez, parece não entender os conflitos de Preciosa. Seus problemas de aprendizagem não são sequer considerados. A diretora, Sra. Lichenstein, não reluta em expulsar a adolescente ao confirmar sua segunda gravidez. Embora seja excluída pelos colegas, pelos professores e direção da escola, Preciosa ainda tem esperança de um dia tornar-se uma adolescente normal.

Fonte: Preciosa – uma história de esperança (2009)



Figura 1- Cena que mostra a rotina diária de Preciosa, isolada no fundo da sala de aula.

Fonte: Preciosa – uma história de esperança (2009)



Figura 2 - Conversa com a diretora da escola, momento em que Preciosa é expulsa por causa de sua segunda gravidez.

### 3.1.2 PRECIOSA NA FAMÍLIA: ABANDONO E VIOLÊNCIA

Em casa, Preciosa sofre com os desmandos e ofensas da mãe. Ela parece não entender por que é tão agredida, tanto psicológica quanto fisicamente. A mãe faz questão de ressaltar o quanto a filha é indesejada e rejeitada, incapaz de ser amada por alguém. Não admite que Preciosa foi abusada pelo pai desde criança com a sua convivência e culpa-a por ter lhe roubado o marido e por ter tido dois filhos com ele. Nesse ambiente, Preciosa também demonstra passividade, tristeza e sofrimento.

O ambiente do lar é escuro, fechado, triste como a vida da protagonista. A mãe dirige-se à filha por meio de gritos, insultos e acusações e a obriga a comer exageradamente para que fique mais obesa. Reiteradamente, proíbe-a de comentar com alguém da escola qualquer coisa sobre o que acontece dentro de casa. Preciosa não tem vez, não tem voz. Aqui também idealiza um mundo em que é feliz, tem o amor da mãe, de um namorado, é famosa e querida por todos.

Fonte: *Preciosa – uma história de esperança* (2009)



Figura 3 - Ambiente escuro e opressor, onde Preciosa era obrigada pela mãe a comer exageradamente.

Fonte: Preciosa – uma história de esperança (2009)



Figura 4 - A cena retrata uma das tantas vezes em que Preciosa é agredida pela mãe.

### 3.1.3 SUPERAÇÃO DO TRAUMA E MUDANÇA DE VIDA

A vida de Preciosa começa a mudar quando ela conhece a Professora Rain, na escola alternativa. Nesse lugar, fala pela primeira vez em sala de aula. Não senta mais no fundo da sala e é encorajada a escrever e ler sobre si diariamente. Inicialmente, essa tarefa é muito difícil para ela. Ainda que sua mãe continue a humilhando e a desencorajando a ir à escola, Preciosa começa a perceber que as aulas são importantes, que ali ela aprende a ver a vida de um jeito diferente, aprende a ter esperança.

Por meio da narração de suas experiências, Preciosa toma consciência da situação em que vivia, organizando seus pensamentos. Motta (op.cit.) acredita que narrar é uma forma de dar sentido à vida humana. Afirma que as narrativas são mais que representações: são estruturas que preenchem de sentido a experiência e instituem significação à vida humana. Ao narrar-se, a protagonista dá sentido a sua vida e consegue superar os traumas que a constituíam. Deixa de ser passiva e triste. Faz amigos na nova escola em que frequenta e é amada pelas pessoas que conheceu.

Os autores Varela, Depraz e Vermersch (apud KASTRUP, 2005) incluem o exercício da escrita em um rol de práticas de devir-consciente. Definem devir-consciente como aquilo que tem lugar quando algo que nos habitava de modo implícito, difuso e virtual vem a aparecer no campo da experiência de modo explícito, claro e atual. Quando Preciosa narra a si mesma, volta-se para si, e nessa introspecção passa a atribuir clareza à experiência.

É fato que Preciosa ainda tem muitos desafios a enfrentar. Apesar de ter tido sucesso em sua alfabetização, ainda sofre com o fato de ter sido contaminada pelo vírus da AIDS pelo próprio pai. Retomar sua vida com dois filhos pequenos, ainda adolescente, sem ter onde morar... tudo poderia parecer um pesadelo. Mas não para Preciosa. O fim do filme nos apresenta uma personagem mais fortalecida e empoderada, que assume seu corpo e sua história, embora não possa apagar as marcas dos abusos que sofreu. Tudo o que Preciosa quer é cuidar dos filhos e viver uma vida tranquila, longe da mãe que a violentava.

Fonte *Preciosa – uma história de esperança* (2009)



Figura 5 - Preciosa pratica o exercício de narrar suas experiências na escola alternativa, lendo e escrevendo diariamente.

Fonte: Preciosa – uma história de esperança (2009)



Figura 6 - Na cena final do filme, Preciosa caminha com seus dois filhos, livre para viver a vida que escolheu, deixando para trás os abusos e a violência que sofria.

## 4. COMENTÁRIOS FINAIS

Este estudo buscou mostrar a importância da linguagem como um veículo da instituição e constituição do ser humano, e da narrativa como sua principal forma expressiva. Vimos que a linguagem medeia a relação do homem com o mundo. A narrativa, por sua vez, traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento da natureza física, das relações humanas, das identidades e personalidades, das crenças, dos valores, dos mitos) em relatos (MOTTA, 2013). No filme “Preciosa – uma história de esperança”, a narrativa de si tem papel substancial já que é responsável pela reconfiguração da subjetividade da personagem adolescente.

Preciosa fala, escreve sobre si e se descobre, se reinventa, se fortalece. O filme deixa um final aberto sobre o destino que a personagem poderá seguir. No entanto, encaminha para a ideia de esperança de um futuro mais seguro e estável. Concluímos a análise com uma frase de Bruner, que retrata bem o efeito da narrativa na vida de Preciosa: “É isto que está no âmago da narrativa literária como um ato de fala: um

enunciado ou um texto cuja intenção é iniciar e orientar uma busca por significados entre um espectro de significados possíveis.” (BRUNER, 2002, p. 26).

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. I, 2ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- \_\_\_\_\_. Narrativa e cura. In: *Jornal de Psicanálise*. São Paulo, v. 35, n. 64/65, p. 115-116, 2002.
- BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. 2ed.. Porto Alegre: Artes Médica, 2002.
- DANIELS, Lee. *Preciosa – uma história de esperança*. Estados Unidos: Lee Daniels Entertainment, 2009.
- DUCH, Lluís. *Mito, interpretación y cultura: aproximación a la logomítica*. 2ed.. Barcelona: Herder, 2002.
- GAI, Eunice Piazza. Narrativas e conhecimento. In: *Revista Desenredo*, Passo Fundo, n. 2, v. 5, p. 137-144, jul./dez.2009. Disponível em: <<http://www.upf.edu.br/seer/index.php/rd/article/view/1247>>. Acesso em: 19 dez. 2015.
- KASTRUP, Virgínia. O devir-consciente em rodas de poesia. In: *Rev. Dep. Psicol. UFF*, dez. 2005, v.17, n. 2, p. 45-60.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise crítica da narrativa*. Brasília: Ed. da UnB, 2013.
- PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org.). *Narrativas comunicacionais complexificadas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 68-88.
- RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, Gislene; KÜNSCH, Dimas; BERGER, Christa; ALBUQUERQUE, Afonso (org.). *Jornalismo contemporâneo, figurações, impasses e perspectivas*. Salvador: Compós; Edufba, 2011, p. 119-138. Disponível em: <<http://www.sisbin.ufop.br/novoportal/wp-content/uploads/2015/03/JORNALISMO-CONTEMPORANEO.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2015.
- VIGOTSKI, Lev S.. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia pedagógica*. 2ed.. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**Recebido em 03 de abril de 2016**  
**Aceite em 13 de junho de 2016**

**Como citar este artigo:**

HENRIQUES, Juliana Canton. A narrativa como ferramenta de reconstrução do sujeito em Preciosa – uma história de esperança. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016. P 3-17. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie01.pdf>. Acesso em: dd mmm. aaaa. ISSN: 1809-3507.